



O meu tio, José Sebastião e Silva

MARIA JOSÉ SILVA SEBASTIÃO

Escrever sobre o meu tio, José Sebastião e Silva^[1], é revisitar memórias envoltas em muita névoa, perdidas num tempo distante e passado longe de Portugal Continental.

Essas memórias foram sendo construídas através de raras vivências diretas com o meu tio, de episódios contados pelo meu pai, seu irmão mais novo, e por histórias chegadas até mim pelo meu irmão e pelos meus primos mais velhos, filhos da única irmã do meu tio.

Tive o privilégio de nascer em África e por lá viver (Angola e São Tomé e Príncipe) até vir para a faculdade. Pelo meio, umas vindas a Portugal Continental, nas férias do meu pai e durante 2 anos no Instituto de Odivelas^[2].

Poucas vezes contactei com o meu tio. A sua morte prematura não me deu oportunidade de crescer e de com ele poder lidar já mais madura.

Lembro-me de ir à sua casa do Restelo, de o ver num escritório de paredes cobertas de estantes carregadas de livros, do som de música clássica e do seu ar austero, disciplinador.

O meu pai contava um episódio revelador desta faceta do meu tio:

Quando o meu pai veio para Lisboa preparar-se para fazer os exames de admissão à Academia Militar, ficou num quarto alugado com o meu tio. Um dia chegou a casa por volta das seis da manhã, depois de uma noite de divertimento.

O meu tio, com toda a naturalidade, interpelou-o dizendo qualquer coisa como:

«— Ainda bem que te levantaste tão cedo. Tens de estudar para os teus exames. Senta-te aqui, que vamos trabalhar». E o meu pai não teve outra alternativa se não sentar-se e estudar.

A faceta austera e disciplinadora permitiu que o meu tio transformasse o tempo de bolsheiro, em Itália, em tempos de fruição de algum desafogo financeiro, apenas com as verbas disponibilizadas pela bolsa.^[3]

Sei que se situava num ideário político de esquerda e que terá ficado muito dececionado, desde logo com o Pacto Germano-Soviético de 1939, e mais tarde, com as invasões da Hungria em 1956 e da Checoslováquia em 1968, mas não lhe conheço qualquer filiação partidária.

Lembro-me, vagamente, de o ir visitar ao IPO de Lisboa, já na fase terminal da sua doença. Retenho na memória a imagem de um homem muito magro, mesmo macilento.

Mais tarde, quando acabei o 5.º ano do Liceu, correspondente ao atual 9.º ano, tive de escolher uma área (alínea, como se designava) e optei pela alínea g), com acesso ao curso de Economia, por duas razões:

- tinha Matemática;
- o currículo de Matemática estava incluído na experiência de modernização do ensino da Matemática em Portugal, dirigido pelo meu tio, e realizada pelo Ministério da Educação Nacional, em colaboração com a OCDE. Livrava-me, assim, das explicações de Matemática do meu pai, porque, segundo ele, não percebia nada dessas «matemáticas modernas».

Sempre gostei muito de Matemática e não atribuo qualquer influência nesse gosto ao meu tio. Gostei! Gosto! A Matemática e a Física ajudavam-me a ultrapassar as «neuras» típicas da adolescência. O estudo e a descoberta de como resolver problemas faziam/fazem com que, rapidamente, a «má disposição» desaparecesse/desapareça.

Tive professoras de Matemática excelentes, quer no Instituto de Odivelas, quer no Liceu, em São Tomé e Príncipe: extremamente exigentes e rigorosas, mas muito perto dos alunos.

Reencontrei o meu tio enquanto professora^[4]. Li atentamente o «Guia para utilização do compêndio de Matemáti-

ca», Curso Complementar do Ensino Secundário, de 1975, nomeadamente as Normas Gerais, logo no início do 1.º volume. Aconselho vivamente a sua leitura atenta.

As minhas referências encontram-se nessas «Normas», nas palavras/exemplo do meu pai, as palavras proferidas em discursos oficiais, ou em família, o exemplo da sua vida, e no modelo que são as professoras de Matemática com as quais me cruzei.

Considero-me uma privilegiada por ter seguido o caminho que segui e sinto-me muito bem quando, no final do ano letivo, alunos de 11/12 anos me deixam mensagens escritas de reconhecimento pelo trabalho que fomos fazendo juntos e pela assunção de que o rigor, a exigência, o empenho, o trabalho, a disponibilidade para o outro são conquistas de hoje para a vida futura.

Notas

^[1] Logo no registo o meu tio foi predestinado a ser diferente: houve um engano e, em vez de Silva Sebastião, ficou registado como Sebastião e Silva.

^[2] Aproveito para manifestar a minha profunda indignação pelo seu encerramento. O Instituto de Odivelas padecia de 2 «pecados»: ser um colégio de vertente militar e ser um colégio feminino. Os correspondentes colégios masculinos ainda sobrevivem, embora já numa vertente mista.

^[3] A família mais próxima do meu tio (mãe, o meu avô paterno morreu muito cedo, quando o meu tio tinha 10 anos, e 4 filhos — 3 rapazes e uma rapariga) vivia com o ordenado da mãe, professora primária, por isso com constrangimentos financeiros muito fortes.

^[4] Sou professora de Matemática, 2.º ciclo. Já acompanhei o mesmo grupo de alunos do 5.º ao 9.º anos

MARIA JOSÉ SILVA SEBASTIÃO